

“O vendedor de passados”: entre o real e a ficção

Doutoranda Alexsandra Machado (UFF/UNISUAM)

Resumo:

"O vendedor de passados", romance do escritor angolano Eduardo Agualusa, aborda, a partir de uma ludicidade literária, temas como a história de Angola, sua herança cultural e as consequências de um processo híbrido de colonização no qual a ficção e o real entrelaçam-se durante toda a narrativa. Nesta história, existe um viés literário que mescla "passados" fictícios com realidades não menos verossímeis. Surge, então, o sórito e o insólito, quando o autor expõe o drama de uma oga com as lembranças de uma encarnação humana, a existência de alguém que constrói e reconstrói "passados", a insistência em validar estes passados e, enfim, a existência de um país em processo de reconstrução através de metáforas e analogias que permeiam toda a narrativa.

Palavras-chave: Passados – ficção – memória – História.

Introdução

Os estudos literários e culturais contemporâneos demonstram a preocupação com a questão da memória individual e coletiva e a forma como estas interferem na produção literária durante os séculos XX e XXI. A memória surge como um veículo que tenta fazer uma revisão do “passado como modo de construir o futuro,”(ACHUGAR, 2003, p. 46) atendendo a necessidade de valorizar uma multiplicidade de relatos e de sujeitos marginalizados pelo próprio discurso oficial registrado na História e que necessitam vir à tona.

Neste sentido, Eduardo Agualusa no romance “*O vendedor de passados*” evoca memória (s) no espaço narratológico que antecede o período da Independência e da pós - Independência a fim de suprir a necessidade de uma série de personagens que possuem a intenção de criar um passado de acordo com seus interesses.

A partir deste viés literário, o escritor angolano faz com que surja a História através de uma narrativa que dialoga entre a ficção e a realidade como afirma Nietzsche em “*Considerações inatuais*”, quando analisamos a questão historiográfica, temos que ressaltar três tipos de concepções:

A história pertence a quem vive segundo três relações: pertence-lhe porque ele é ativo e porque aspira; porque conserva e venera; porque tem necessidade de libertação. A essa trindade de relações correspondem três espécies de história, sendo possível distinguir o estudo da história do ponto de vista monumental, do ponto de vista arqueológico e do ponto de vista crítico.(NIETZCHE, 1988, p.81)

A partir das noções citadas acima, sabemos que o termo História significa pesquisa e reinterpretação, logo é de forma questionadora e, principalmente, crítica que devemos observar que o senso comum historiográfico é passível de discussão e de críticas; como afirma Joaquim Vieira “um povo que não reflecte sobre a própria história arrisca-se a perder a identidade”(VIEIRA, 1987, p. 87). Agualusa demonstra a necessidade desta reflexão consciente e do resgate da própria História de seu país, soterrada pela violência das guerras, como uma forma de manter acesa a procura de verdades camufladas por falsos ideais. Na visão de Walter Benjamin, a modernidade carrega o passado no instante do agora.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo.(BENJAMIN, 2000, p.224)

Para Benjamin, é necessário que a história seja realmente revelada, não aquela que se encontra nos registros oficiais, mas a história que corresponde aos relatos dos povos. Segundo ele, é pre-

ciso recuperar o imaginário dos oprimidos armazenados nos mitos, nas lendas, nas crenças e nos testemunhos orais. Assim também, Agualusa reencontra na História de Angola a cultura tradicional como uma forma de resistência, buscando no passado fatos que possam servir de reinterpretação do tempo presente:

A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (HALL, 2000, p.14-15)

No romance “*O vendedor de passados*”, há coexistência de formas tradicionais e modernas. Nessa relação temporal, o passado e o presente agem interligados. O passado constrói o presente. O presente modifica o passado. Agualusa desvenda o passado de Angola a partir da protagonista da narrativa, Félix Ventura. No romance, ele participa, durante todo o enredo, construindo passados, reinventando histórias. A memória surge, através de uma ludicidade e, primordialmente, como resultado de uma tensão entre o passado e o presente. Segundo Myriam Sepúlveda dos Santos

A memória não é um conjunto de práticas, sentimentos e percepções relacionadas ao passado que possam ser compreendidas fora do contínuo da história, pois a forma com que percebemos e nos lembramos do passado sofre a influência do tempo histórico em que nos inserimos. (SANTOS, 2001, p.85)

A autora argumenta que não existe uma oposição radical entre a tradição e a modernidade, porque a memória agrega tanto traços da continuidade do passado quanto traços da reflexividade do tempo presente. Para ela, “além da coexistência entre aspectos da tradição e da modernidade, há também uma relação de continuidade entre a tradição e a modernidade.”

(SANTOS, 2001, p.85) Essa continuidade se evidencia, principalmente, na capacidade que um povo tem de atualizar a memória coletiva.

Deste modo, entende-se como memória a possibilidade de se compreenderem reminiscências, através das quais, entra-se em contato com o passado, transformando-o, ao mesmo tempo que se constrói também o presente, o que põe em xeque a noção de identidade e sua respectiva formação. Passado e presente não podem ser analisados como duas realidades distintas, independentes uma da outra.

Levando em consideração que os fatos não se transformam apenas no decorrer do tempo, mas a cada vez que são reinterpretados no tempo presente é possível dizer que essas categorias temporais são duas noções que se engendram mutuamente. A memória construída na pluralidade dos sentidos de tempo é, portanto, uma reflexão ambivalente. O passado passa a ser questionado a partir de uma reinterpretação do presente, surgindo assim, uma relação na qual o ser se confronta com o tempo. Eduardo Agualusa apresenta, em sua obra, um discurso romanesco atravessado pela própria História.

Produzindo um tipo de linguagem onde o passado objectual se contamina pelo presente crítico e perspectivante, utilizando já deste modo um processo de autonomia pela sinalização textual que pratica no discurso romanesco. (SEIXO, 2001, p. 23)

Esta sinalização textual é assumida pelo personagem-narrador, pois este torna-se uma osna, que observa todos os fatos e dialoga com o personagem Félix Ventura, trazendo à tona questionamentos e observações. Este personagem, ao mesmo tempo que participa da narrativa e funciona como aquele que se move entre temporalidades, passado e presente, e espaços diferenciados em busca de informações a respeito da protagonista. É este personagem quem constrói a memória narrativa, dando vida ao próprio Félix Ventura. Este é o personagem que “travava memórias, que vendia o passado.” (AGUALUSA, 2004, p 16)

Com isso, surge a História de Angola, país que foi criado “na base da régua e do esquadro, como resultado das decisões da famosa Conferência de Berlim, convocada entre novembro de 1844 e janeiro de 1885”,¹ Angola ficou sob o domínio de Portugal que implementou um processo de aculturação, no qual o principal objetivo era destruir sumariamente a cultura tradicional.

A colonização em África, foi vista pelas metrópoles como “a glória nacional” e missão “civilizadora”. Entendiam, ainda, que o colonialismo “é a dádiva da Europa aos selvagens, o sacrifício da Europa pela humanidade, o dever da Europa para com as pobres populações negras que não possuíam civilização própria”. Este princípio levou as forças do governo português nas duras leis, as forças armadas (polícia secreta e exército) e as forças ideológicas (política e igreja) a adotarem os seus métodos a qualquer custo, no intuito de destruir os padrões de comportamento e atitudes que caracterizam o povo angolano. Entretanto, envidaram esforços no sentido de imporem o que eles chamavam de “bênçãos de uma lei e ordens européias”. Para tal, não importavam os feitos, de crianças queimadas ao destruírem aldeias ou senzalas inteiras por terem resistido às imposições dos colonizadores. Segundo eles, tudo o que faziam para “o bem da África”. (SILVA, 1993, p. 01)

Na segunda metade do século XX, inicia-se um processo em que os angolanos expõem o desejo de libertação, há uma intensificação nesta proposta a partir da década de cinquenta, surgem organizações políticas que reivindicam a independência. Entretanto, Portugal não cede, provocando o desencadear de conflitos diretos, tendo como consequência a “luta armada” e inúmeras mortes.

Destacaram-se nesta luta, o MPLA (Movimento Popular pela Libertação da Angola) fundada em 1956, o FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola) que se revelou em 1961 e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), em 1966. Depois de longos anos de confronto, o país alcança a independência a 11 de novembro de 1975. (SILVA, 1993, p. 02)

É justamente este período que Agualusa retrata em *O vendedor de passados*. Surge, assim, a história de Angola e esta como processo é dinâmica e se mostra no exame das relações do real, logo, é nesse espaço que se encontra o sujeito, o homem histórico, aquele que, se consciente, argumenta, questiona sobre todo o processo em si. A ideologia, entendida como sistema dominante, “apaga” as verdades das relações do real, invertendo posições: apresenta as idéias como raiz, atribuindo-lhes a capacidade de gerar as relações sociais e determinar o processo histórico. Com isso, advém o domínio daqueles que “têm” as idéias, dos donos do conhecimento. Em outras palavras, aqueles que se encontram no poder, essa inversão encobre o fato de que as relações do real são as geradoras das idéias. Dentro desses princípios:

[...] o real não é um dado sensível nem um dado intelectual, mas é um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. Essas relações entre homens e deles com a natureza constituem as relações sociais como algo produzido pelos próprios homens, ainda que estes não tenham consciência de serem seus únicos autores. (CHAUI, 1989, 19)

Em *O vendedor de passados*, Agualusa trabalha justamente com os fatos históricos a partir de um jogo em que o real é reconstruído através de interesses particulares. A relação da história com a literatura ocorre na própria construção e no ato da leitura desse texto. É neste momento que a história enquanto processo se faz presente; quando não se preocupa apenas em recuperar uma sucessão de fatos considerados como verdadeiros, mas tenta apresentar diversas informações, e, conseqüentemente, faz emergir uma série de reflexões, tendo noção de que as verdades históricas

são versões e interpretações, ora transparentes, ora obscuras, ora translúcidas que devem ser constantemente pensadas e repensadas, cifradas e decifradas, a fim de construir e desconstruir velhas concepções.

Para realizar este processo, surge o personagem Félix Ventura que "brinca" com o passado desvendando, por exemplo, os danos causados pelas guerras civis ao rememorar a própria infância no capítulo *A chuva sobre a Infância*, ao narrar o episódio da chuva de gafanhotos, "símbolo da praga, da multiplicação devastadora" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 235).

A cena nos remete à intertextualidade bíblica, no livro Êxodo – sétima enviada por Deus ao Egito como castigo pela desobediência de Faraó. Dessa mesma forma, em *O vendedor de passados*, ocorre também a idéia da ocorrência de uma grande calamidade física sofrida pelo país:

Lembro-me das tardes em que choviam gafanhotos. O horizonte escurecia. Os gafanhotos caíam atordoados no capim, primeiro um ali depois outro acolá, e eram logo, devorados pelos pássaros. A escuridão avançava, cobria tudo, e no instante seguinte transformava-se numa coisa ansiosa e múltipla, num zumbido furioso, num alvoroço, e nós corríamos para casa, a procurar abrigo, enquanto as árvores perdiam as folhas e o capim desaparecia. (AGUALUSA, 2004, p. 94)

Eduardo Agualusa representa, também, em seu romance o personagem "Velha Esperança" como aquela que alimenta o povo e "está convencida que não morrerá nunca", entretanto neste mesmo contexto, esta representação sente-se incapaz de mudar o curso da história, "abraçava-me à Esperança, afundava o rosto nas mamas dela, mas não adiantava muito". (AGUALUSA, 2004, p. 95)

Em relação ao personagem Félix Ventura, percebemos que este possui a função de fabricantes de sonhos, deixa em seu diário a suspeita de que toda a narrativa foi construída pela sua própria imaginação, "talvez eu tenha sonhado inteiramente, a ele [a osga], a José Buckmann, a Edmundo Barata dos Reis". (AGUALUSA, 2004, p. 197)

Conclusão

A ludicidade entre sonho e realidade, no espaço ficcional, serve de analogia para que haja uma reflexão sobre a possibilidade e a impossibilidade da concretização da utopia de uma nação pensada, sonhada e, primordialmente, imaginada, como podemos comprovar através do pensamento de Félix Ventura:

Vem-me à memória a imagem a preto e branco de Martin Luther King discursando à multidão: *eu tive um sonho*. Ele deveria ter dito ante: *eu fiz um sonho*. Há alguma diferença, pensando bem, entre ter um sonho ou fazer um sonho. Eu fiz um sonho. (AGUALUSA, 2004, p. 199)

Dessa forma, os sujeitos ficcionais desta narrativa buscam um objetivo comum, reencontrar um passado embrenhado no esquecimento coletivo, através do real ou da ficção, ocorre esta tentativa, para que as inúmeras vozes escondidas e sofridas não sejam esquecidas. É a partir desta pluralidade que se tece o fio de um caminho que aponta para o amanhã em que cada personagem busca a revisão do passado de forma questionadora e crítica, compreendendo que a meta é resistir e nunca perder a Velha Esperança.

Referências Bibliográficas

- [1] ACHUGAR, Hugo. *A escritura da história ou a propósito da fundação da nação*. Porto Alegre: Mercado Alegre, 2003.
- [2] AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- [3] BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

- [4] CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo: Editora Moderna, 1981.
- [5] CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- [6] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A., 2000.
- [7] PALANGUE, Luís. *In. Angola – um país fabuloso*. Luanda: Edições Internacionais, 1995.
- [8] SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *Teoria da memória, teoria da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- [9] SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance: ensaios de genealogia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- [10] SILVA, Ismael Diogo da. *O destino de angola. Conferência proferida na reitoria da UFRJ em 07/12/93- Cônsul Geral de Angola*.

Alexsandra Machado

alexiam@ibest.com.br

Universidade Federal Fluminense (Doutoranda em Estudos Literários)

Centro Universitário Augusto Motta (Professora Mestre)